
GUTTMANN, Julius. *A Filosofia do Judaísmo – A História da Filosofia Judaica desde os Tempos Bíblicos até Franz Rosenzweig*, São Paulo: Perspectiva, 2003, 480 p., Trad. de J. Guinsburg, Apresentação do Tradutor e Prefácio à edição Brasileira de Roberto Romano, Posfácio de Fritz Bamberger, ISBN 852730530-5.

As dificuldades intrínsecas de uma avaliação criteriosa, seja da história da filosofia ocidental, seja do conjunto do pensamento judaico em suas dimensões históricas, fazem com que se evidencie como sobremaneira difícil o surgimento de obras em que ambas as dimensões da cultura sejam articuladas de forma simultaneamente rigorosa e profícua para o pesquisador. Com efeito, o entrelaçamento destes universos intelectuais propõe a quem o empreende dificuldades muito consideráveis, que se sintetizam principalmente em dois riscos muito concretos: o risco de situar o pensamento judaico, em sua especificidade cultural e histórica irreduzível, no seio de suas recepções filosóficas ao longo do tempo, despindo-o de sua estrutura intelectual própria, e o risco de, em nome de um pretenso rigor filosófico, isolar do corpo histórico do desenvolvimento da filosofia grega o pensamento judaico, sob a alegação de que se trata de exegese de sabedoria revelada ou outra, pertencendo antes ao campo dos estudos teológicos ou literários do que ao universo dos estudos filosóficos. Que tais riscos não são incontornáveis nos prova o clássico do erudito Julius Guttman *A Filosofia do Judaísmo – A História da Filosofia Judaica desde os Tempos Bíblicos até Franz Rosenzweig*, ora editado em português pela Editora Perspectiva. À primorosa e erudita tradução de J. Guinsburg juntam-se, no volume recém-lançado, um abrangente Prefácio de Roberto Romano e um útil Posfácio biobibliográfico de Julius Guttman, “Julius Guttman: Filósofo do Judaísmo”, de autoria de Fritz Bamberger.

Julius Guttman (1880-1950) foi um dos principais eruditos do judaísmo alemão do século XX. Nascido em Hildesheim e morando em Breslau desde 1892, Guttman provinha de uma família de larga tradição nos estudos judaicos; seu pai, Jakob Guttman, foi uma figura proeminente no rabinato alemão e autor de livros sobre a filosofia judaica alemã e sua relação com a escolástica cristã; sua mãe era irmã de David Simonsen, que fora Rabino-mor da Dinamarca e cuja biblioteca somava mais de 100.000 volumes, hoje integrada à Biblioteca Real de

Copenhague. Guttman estudou na Universidade de Breslau e no Seminário Teológico Judaico, doutorando-se na Universidade em 1903, com um trabalho sobre o conceito de Deus em Kant, e obtendo o grau rabínico em 1906. Seus professores em filosofia foram, especialmente, Clemens Baeumker, Ebbinghaus e Jacob Freudenthal – mas igualmente Hermann Cohen exerceu sobre ele influência marcante; suas influências filosóficas remotas remetem a Kant e a Schleiermacher. Estudou igualmente economia com Werner Sombart, que o instou a dedicar-se à carreira de professor de economia. Professor na Universidade de Breslau, na Escola Superior da Ciência do Judaísmo e na Universidade Hebraica de Jerusalém, Guttman faleceu em 1950.

A filosofia do Judaísmo (Die Philosophie des Judentums), de 1933, representa em boa medida a síntese de seus estudos filosóficos e teológicos até então. Diferentemente, porém, de um Rosenzweig, que pretendia de certo modo disponibilizar filosoficamente questões da existência judaica de forma a que esta se constituísse, pela sua dimensão propriamente existencial, em uma chave de leitura da existência humana em geral, com isto estabelecendo as bases de uma crescente e profícua integração entre ambos os universos da cultura, Guttman pretende se ater ao exame crítico das dimensões precipuamente racionais do pensamento judaico, em uma preocupação constante com a história das idéias em suas dimensões interpretativas, pretendendo sempre salvar, em termos de conteúdo e método, a especificidade filosófica da própria época em que os autores viveram e trabalharam. Como ressalta Bamberger, a história da filosofia judaica de Guttman é, essencialmente, uma história da filosofia racionalista judaica, pois “a filosofia recebe a tarefa de expressar o conteúdo-idéia (Ideengehalt) da religião, e mesmo quando trata de filósofos cuja motivação primordial era a justificação da religião judaica, (Guttman) acentua a contribuição deles, formulando em termos filosóficos as idéias religiosas (com o objetivo de) exprimir uma verdade específica” (Cf. Bamberger, Fritz, “Julius Guttman: filósofo do judaísmo”, in: Guttman, Julius. *A Filosofia do Judaísmo – A História da Filosofia Judaica desde os Tempos Bíblicos até Franz Rosenzweig*, p. 442).

O livro, que, como bem ressalta J. Guinsburg, dá ensejo a que se pense “o filosofar judaico no eixo geral das idéias e da especificidade de uma articulação essencialmente judaica, na sua vertente principal – a da filosofia da religião e da ética, e de sua dialética com as idéias de Deus, revelação, eleição no contexto de uma tradição particular e no entendimento de um analista em que razão lógica e metodológica, sob a égide de Kant e Schleiermacher, se fazem critérios rigorosos de avaliações gerais e pontuais” (Guinsburg, J. “A Filosofia do Judaísmo em Português”, in: Guttman, Julius. *A Filosofia do Judaísmo – A História da Filosofia Judaica desde os Tempos Bíblicos até Franz Rosenzweig*, p. 9), se divide em três partes principais. Na primeira, intitulada “Fundamentos e primeiras influências”, é estudado o período compreendido entre a época bíblica e o judaísmo talmúdico, passando pelo momento especial da filosofia judio-

helenística. A segunda parte, intitulada “A filosofia judaica religiosa na Idade Média”, abrange especialmente o longo período entre o que Guttman chama de “a pré-história da filosofia judaica”(cf. op. cit., p. 82), na figura do egípcio Saadia ben Jossef, do século X d. C., e o pensamento de Espinosa, passando por Ibn Gabirol, Maimônides, Levi ben Gerson e muitos outros, enfatizando igualmente recepções particulares e universos filosóficos regionais em termos de comunidades lingüísticas específicas. A terceira parte, “A filosofia judaica da religião na era Moderna”, parte de Moses Mendelssohn e chega a Franz Rosenzweig, analisando especialmente as influências kantianas na filosofia da religião e a renovação da filosofia judaica desde os fins do século XIX, especialmente na figura de Hermann Cohen.

Assim se concluiu, em 1933, neste momento terrível da cultura do século XX, este tratado magistral, indispensável não somente para quem se interessa especificamente pelo pensamento judaico em suas relações com a filosofia, mas igualmente àqueles que, na tentativa de compreender a gênese das grandes questões civilizatórias em que hoje nos debatemos, sabem que não é compreensível uma arqueologia de nossos tempos sem a difícilíssima aproximação entre estes dois universos do pensamento que, no que têm de melhor, e não obstante a extrema dificuldade da empreitada, não só permitem como exigem uma mútua aproximação criteriosa, sem, como bem ressalta R. Romano, *Aufhebungen* violentas (cf. Romano, R. “Prefácio à Edição Brasileira”, in: Guttman, Julius. *A Filosofia do Judaísmo – A História da Filosofia Judaica desde os Tempos Bíblicos até Franz Rosenzweig*, p. 15), mas na forma de respeitoso diálogo que é devido à consciência lúcida do fato amiúde ressaltado por E. Levinas: que o Ocidente se compõe “dos Gregos e da Bíblia”. Um diálogo que não pode ser senão ético, exatamente como, ressalta novamente R. Romano, é o espírito desta obra inteira (cf. Romano, R., op. cit., p. 22). O livro de Guttman, também neste aspecto, refere uma empresa indispensável – o cultivar da ética como dimensão expressa na concretude do respeito ao outro, onde o *outro pensamento*, na grandeza de sua inelutável especificidade, assume a exigência de *tempos* mais éticos, tempos fora dos quais viver é humanamente inconcebível.

Ricardo Timm de Souza

MACIEL, Sonia Maria. *Ética e Felicidade – Um Estudo do Filebo de Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 295 pp.

A Idéia do Bem em Platão é mais uma vez visitada pela Prof^a Dr^a Sonia Maria Maciel em seu livro “*Ética e Felicidade – Um Estudo do Filebo de Platão*”. Na estrutura hierárquica do mundo das Idéias de Platão, a Idéia do Bem está situada no vértice. Em meio às Idéias dos valores estéticos, dos valores morais, das diversas realidades corpóreas, dos diversos entes geométricos e matemáticos, ela aparece como a que condiciona todas as outras sem, no entanto, ser condicionada por nenhuma delas. A Idéia do Bem é como o Sol que dá aos objetos não só a possibilidade de serem vistos, como também a de serem gerados, de crescerem e de se nutrirem. O Bem é causa de todas as coisas, ao mesmo tempo, que é fonte da verdade, do belo, da cognoscibilidade, enfim, do ser. Logo, na teoria metafísica de Platão, o Bem se afirma como Idéia incondicionada e absoluta que confere verdade aos objetos cognoscíveis, ao mesmo tempo, que permite ao homem o poder de conhecê-los. Ela é, portanto, a fonte ontológica de tudo quanto existe, seja no homem, seja fora dele.

Em seu diálogo *Filebo*, a Idéia do Bem é por Platão tratada na esfera da existência humana, a partir do embate de duas teses, a hedonista – representada pelo próprio Filebo e Protarco – e a racionalista – representada por Sócrates – que reivindicam para si, para o prazer e para o intelecto respectivamente, a capacidade realizadora do ser do Bem. Platão afirma que nenhuma das teses tomadas isoladamente é apta a traduzir o que é o Bem para o universo humano. Sua proposta é de que somente uma mistura bem equilibrada dos dois poderá compor o Bem que redundará em uma vida feliz.

Esse é o ponto de partida da autora, Sonia Maria Maciel, que ao estruturar o seu trabalho em torno do conflito entre prazer e intelecto, verifica a legitimidade argumentativa da possível solução apresentada por Platão. Para ela, o *Filebo* é um diálogo platônico que trata da felicidade humana e que tem no Bem o elemento mais elevado que dará ordem à composição feita daqueles elementos. A vida feliz, portanto, seria uma mistura de prazer e intelecto, e caberia à alma escolher os prazeres puros e necessários, além de sua correta proporção, a fim de que esta composição possa concretizar o Bem para a vida humana. O estado e a disposição da alma capaz de conceder a todos os homens uma vida feliz, pauta principal dos interlocutores, faz, para Maciel, emergir outras questões clássicas da filosofia que, no curso do debate, serão devidamente abordadas a fim de que a densidade do tema central possa ser contemplada em todas as suas nuances.

Para a autora, o método que melhor possibilita a Platão dar conta da densidade semântica dos termos em discussão é a dialética. Entendida como método de divisão, a dialética, ao distinguir as múltiplas espécies de um gênero, possibilitará uma compreensão muito mais precisa dos elementos que se pretendem constituidores do Bem. A própria questão do Uno e do Múltiplo, isto é, como as Idéias vão conservar sua unidade diante da multiplicidade de particulares, suscitada pelo debate, virá ratificar o recurso metodológico adotado.

Dadas essas informações, a autora, parte da premissa de que a principal característica do Bem humano é a de que ele é desejável por toda criatura que o conhece, para daí concluir que nem prazer, nem intelecto, tomados isoladamente, são a possibilidade de manifestação do Bem. A natureza humana se caracteriza pela indissociabilidade desses elementos, o que leva a concluir que a vida mista é a que mais convém para a realização do Bem.

Lembra Maciel que a vida mista vai depender de uma Causa como princípio ontológico pelo qual uma coisa é, ou torna-se, o que é. A Causa aparecerá correlacionada com outros três gêneros – Ilimitado, Limite e Mistura – a partir dos quais se pode dividir todo o universo. Contudo, a questão que se impõe é a de determinar o modo de ser da vida mista para descobrir qual dos dois elementos, prazer ou intelecto, possui um estatuto ontológico mais condizente com o gênero Causa. Para Platão, é de comum acordo entre os interlocutores do diálogo a idéia de que o universo é regido por um intelecto supremo. Esta referência ao plano metafísico ou teológico permite estabelecer uma íntima relação entre intelecto e causalidade e concluir que o intelecto pertence à Causa que une Ilimitado e Limite em uma ordenada Mistura.

Sobre essas bases, a autora passa a examinar, na segunda parte do livro, a genética do prazer e do intelecto. Suas análises iniciam pelo prazer em confronto com a dor sob as perspectivas somática e psíquica. A proposta desta análise se deve ao fato de que um estado de neutralidade é mais típico dos sábios e dos deuses e a investigação aqui visa pensar o Bem para os homens em geral. Na seqüência, temos os prazeres psíquicos que se apóiam sobre o tripé sensação, memória e recordação. Tudo isso permite, entre as inúmeras cogitações, verificar os prazeres que fazem parte do Bem.

Na esteira dessas considerações se impõe a questão sobre a veracidade ou falsidade dos prazeres. Tudo vai depender da conformidade entre a representação que o indivíduo se faz e a realidade. Disso podemos deduzir que, há uma forte dependência das afecções da alma em relação às opiniões o que leva Platão a concluir que se a opinião é falsa, o prazer ou a dor esperada é ilusória. A argumentação se desenvolverá no sentido de demonstrar a diferença entre os prazeres que nascem da opinião reta e os que nascem da mentira e da ignorância.

Segue-se a isso toda uma investigação dos prazeres mistos que envolvem prazer, dor, corpo e alma e a maneira como todos esses elementos interagem entre si na produção de diferentes estados físicos e psíquicos. O objetivo disso é chegar aos prazeres puros que se identificam mais com as características do intelecto e, por conseguinte, com o Bem e o Belo, uma vez que estão ligados diretamente à alma. Como não estão dirigidos para a satisfação de uma necessidade, são prazeres procurados por si mesmos. Platão deixa antever a crença num tipo de vida dedicado exclusivamente ao pensamento, através da qual, se atingiria a sabedoria pura. E, o intelecto como o estado mais divino é o que é submetido à análise a partir de agora.

De um modo geral o Intelecto aparece como a atividade que pensa, que confere limites, ordem e medida às coisas. E o Pensamento corresponde ao conjunto da ciência e da dianóia (atividades superiores da alma) que se contrapõem ao que Platão chama de opinião. Se o prazer corresponde ao gênero ilimitado, o Intelecto surge justamente com a função de limitar e, através dos números e medidas, produzir harmonia e proporcionalidade. Nesse sentido a autora abordará as manifestações próprias do intelecto que são a ciência, a técnica, a aritmética pura e aplicada e a filosofia. Pois bem, se a vida mista é a mais própria para a manifestação do Bem, caberá ao intelecto reger devidamente essa alquimia de modo que a vida assim seja boa.

Daí, a terceira parte do livro é dedicada ao processo platônico de composição da vida feliz tendo o Bem como princípio orientador. Os elementos estruturantes dessa mistura serão os prazeres verdadeiros e as ciências mais exatas. Por ciências mais exatas, Platão entende o conhecimento das coisas imutáveis. Porém, como a vida humana por sua própria natureza é mutável, as ciências empíricas também farão parte dessa composição. De qualquer modo, as ciências, como representantes do inteligível, são a condição para a boa composição. No que diz respeito aos prazeres, intrínsecos à natureza humana, estarão em primeiro lugar os puros e necessários, além de outros prazeres se se mostrem convenientes. Neste sentido caberá ao intelecto decidir sobre a composição final da mistura.

Desse modo, a ordem incorpórea que rege o universo é a mesma que rege a alma dos homens desejosos de felicidade. Estamos falando de uma ordem metafísica que rege a ordem física. Por isso, a causa da mistura deve ser de mesma natureza que o elemento superior que rege o universo. Só assim ela poderá desvendar o Bem, como princípio ontológico e axiológico, que, através da medida e da proporção, se manifesta fenomenologicamente no Belo. Disso, podemos chegar a uma idéia aproximada do Bem que tem na medida, na proporção e na verdade os elementos causais mais preciosos. E, o elemento que possui absoluta identidade com esses outros elementos do Bem é o intelecto. Por sua participação na idéia de *Nous*, o intelecto humano tem mais afinidade com a idéia de verdade, medida e beleza, afirmando-se como a participante do gênero Causa e superior ao prazer.

À guisa de conclusão, pode-se estabelecer, segundo a autora, a seguinte hierarquia de valores, para a composição da vida mista no *Filebo*: 1. a Medida e tudo o que é mensurável; 2. a Proporção, o Belo, o Perfeito, o Suficiente; 3. o Intelecto e a Sabedoria; 4. a Ciência, a Técnica, a Opinião Reta; 5. os Prazeres Puros da Alma, das Ciências e de algumas Sensações. Disso fica claro que o intelecto deve render o prazer a si, imprimindo nele o controle, a medida e a moderação – pressupostos de uma vida bem-sucedida.

Juliano Fellini